

URBANIDADE

Relações entre as pessoas e as margens de corpos d'água urbanos

Autor: **Michelle Souza Benedet**
UDESC / UNISUL (professora) / USP (doutoranda)
Orientador da tese: Carlos Augusto Mattei Faggin
E-mail: arq.michelle@gmail.com

RESUMO

As margens de corpos d'água podem propiciar a formação e a transformação destas áreas pela absorção de conceitos de urbanidade e pelas interfaces com suas bases naturais. A motivação desta investigação surgiu para refletir e definir os conceitos sobre como a morfologia urbana afeta os níveis de qualidade naqueles lugares que acolhem a vida comunitária de seus habitantes como um suporte a uma maior urbanidade. Como recorte de estudo, apresentam-se as margens da Lagoa Santo Antônio dos Anjos, em Laguna, SC, buscando verificar os atributos de urbanidade e a relação com a configuração espacial. A construção de uma sistemática de avaliação utilizando requisitos técnicos e de percepção, para verificação do desempenho de urbanidade, poderá constituir-se em um instrumento para os projetos urbanos agregarem qualidade e valor às margens de corpos d'água. Neste trabalho será apresentada a metodologia e alguns conceitos necessários para desenvolvimento do instrumento de avaliação da urbanidade.

Palavras-chave: urbanidade; corpos d'água; morfologia urbana.

ABSTRACT

The banks of water bodies can provide the training and transformation of these areas by the absorption of urbanity concepts and the interfaces with its natural bases. The motivation for this research came to reflect and define the concepts of how urban morphology affects the quality levels in those places that welcome the community life of its inhabitants as a support for a greater urbanity. As study period to present to the banks of the Santo Antônio dos Anjos Lagoon, in Laguna, SC, seeking to verify the attributes of urbanity and the relationship with the spatial configuration. Building a systematic assessment using technical and perception requirements for verification of urbanity performance, may constitute an instrument for urban projects aggregating quality and value on the banks of water bodies. This work presents the methodology and some concepts necessary to develop the assessment of urbanity instrument.

Key-words: urbanity, water bodies, urban morphology.

1 INTRODUÇÃO

Ao crescerem, as cidades perdem, recuperam, descobrem ou se deparam com novas identidades que lhe atribuem um diferencial, um valor. Os espaços em margens de corpos d'água urbanos podem ser considerados como locais com grande significado que contribuem para a identidade local e que devem se inserir na estrutura das cidades.

Esta pesquisa surge do interesse pelo desempenho da urbanidade em margens de corpos d'água urbanos. Busca-se compreender a relação estabelecida entre a configuração espacial e a proteção ambiental através da análise das formas de uso e ocupação destes espaços, conferindo se existem atributos que qualificam a vida urbana, no sentido da interação entre as pessoas e os corpos d'água, no sentido da urbanidade.

A urbanidade é entendida como aquilo que qualifica a vida urbana, no sentido da interação entre os cidadãos no espaço coletivo da promoção do encontro e do convívio social (Holanda, 2002). Com relação às margens de corpos d'água, Mello (2008) afirma que atributos de urbanidade podem promover a valorização destes espaços pelas pessoas, uma condição essencial para sua proteção.

A relevância da pesquisa está relacionada à proposição de um instrumento de avaliação buscando estabelecer uma visão integrada dos múltiplos fatores envolvidos nas relações entre cidades, corpos d'água e urbanidade, buscando entender a constituição física das intervenções antrópicas nos espaços ribeirinhos e a relação entre a borda e cidade.

Como objeto de estudo apresentam-se as margens da Lagoa Santo Antônio dos Anjos, em Laguna, SC, pertencente à Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão que abrange atualmente 20 municípios, favorecidos por um complexo sistema hídrico (Figura 01). A área de drenagem do rio Tubarão abrange 4.728 km², percorrendo 120 km desde suas nascentes, até desembocar na Lagoa.

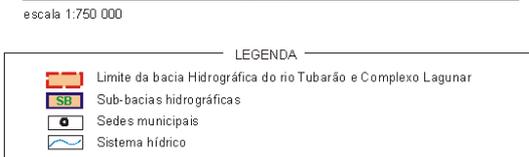


Figura 01: Bacia Hidrográfica do Rio Tubarão
(AMUREL, 2015)

A lagoa em estudo é um ambiente lagunar raso e está situada parte dentro do perímetro urbano e parte em território rural, têm sido alvo de diferentes interferências de origem antrópica (figura 02). As margens da Lagoa Santo Antônio dos Anjos apresentam, em sua forma de ocupação, distintas configurações espaciais e desempenhos de urbanidade.

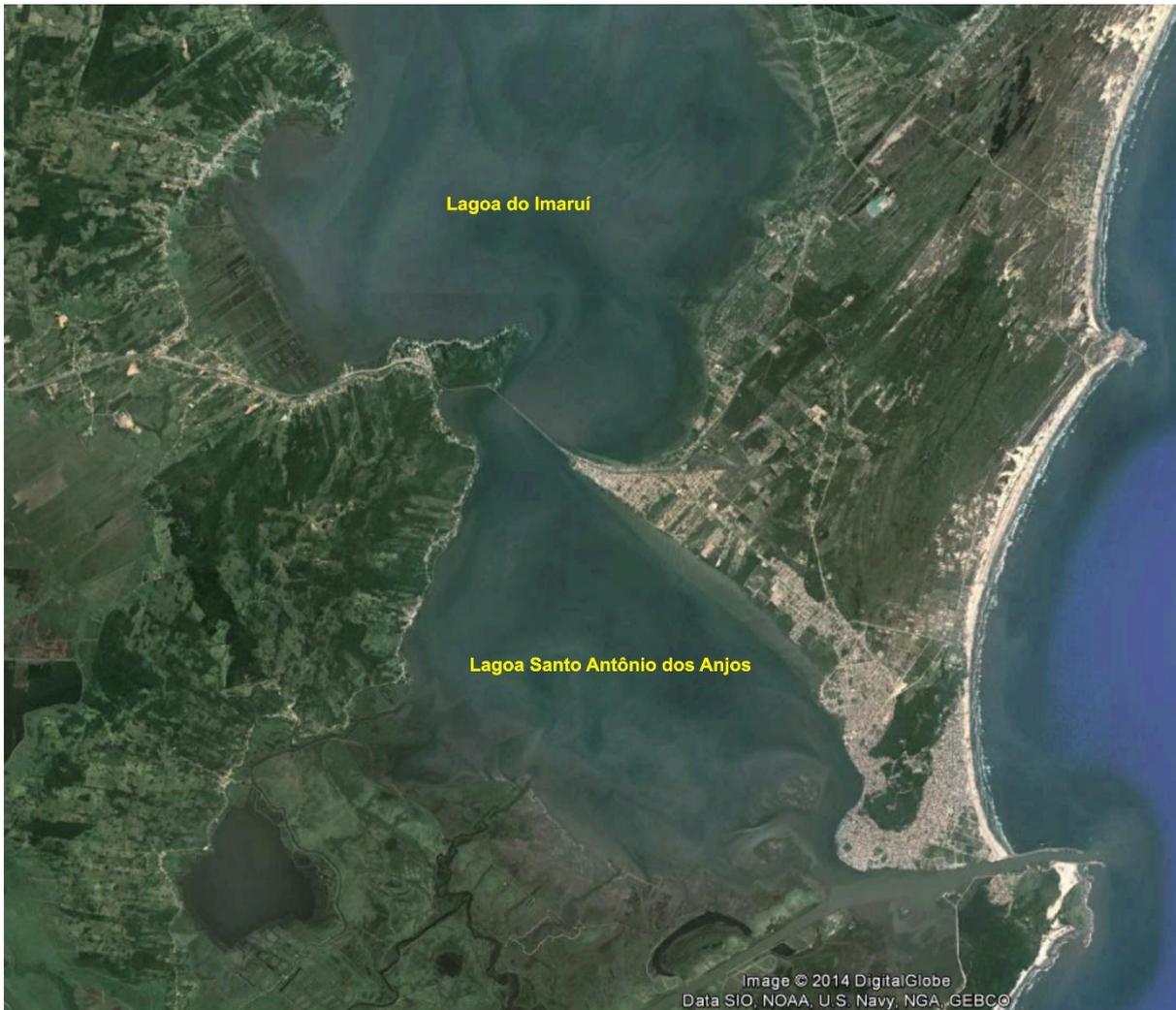


Figura 02: Localização da Lagoa Santo Antônio dos Anjos, Laguna, SC
(Google Earth, 2014)

Devido à grande extensão das margens da lagoa e pelos diferentes tipos de ocupação (figura 03), dividimos a área em seis subáreas:

- a) Subárea 1 – ocupação contínua e predominância de galpões de pesca e residencial de renda média.
- b) Subárea 2 – ocupação contínua com predominância residencial de renda baixa.
- c) Subárea 3 – ocupação rarefeita com presença de espaços públicos. É o trecho mais antigo de ocupação e tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.
- d) Subárea 4 – ocupação rarefeita com predominância de classe de renda baixa e estruturas de sarilhos para pesca.
- e) Subárea 5 – trecho ainda preservado, com ocupação praticamente inexistente.
- f) Subárea 6 – ocupação rarefeita com predominância de comunidades tradicionais e antigas. É o trecho mais estreito limitado pelo Morro Grande.



Figura 03:
Difere

ntes tipos de ocupação na Lagoa Santo Antônio dos Anjos, Laguna, SC
(Elaboração própria)

A análise será abordada do ponto de vista morfológico, buscando estabelecer as relações entre as margens da Lagoa Santo Antônio dos Anjos e a cidade, definindo quais são os condicionantes físicos que configuram a delimitação urbana e a relação com os elementos urbanos da cidade.

Neste trabalho, será apresentada a análise dos conceitos e métodos que facilitarão a construção da sistemática de avaliação das margens de corpos d'água de forma a verificar a existência e o grau de contemplação dos atributos de urbanidade.

1.1 Objetivo geral

Apresentar e sistematizar os conceitos e métodos de análise da urbanidade para o posterior desenvolvimento de um instrumento de avaliação da urbanidade em margens de corpos d'água urbanos.

1.2 Hipótese da pesquisa

Um instrumento de avaliação da urbanidade pode determinar uma maior qualidade nos futuros projetos de intervenção urbana em margens de corpos d'água urbanos.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia a ser empregada consolidará o conhecimento técnico a respeito do desempenho de urbanidade esperado em margens de corpos d'água, especialmente urbanos, e identificará os valores desejados e esperados por seus usuários e pela interação com a cidade. Ainda, contribuirá na construção de um instrumento de avaliação destes espaços que possibilite o projetista na tomada de decisão durante o processo projetual nestas áreas qualificando a proposta resultante quanto às necessidades físicas e psicológicas dos usuários.

Neste trabalho, será apresentada parte da 1ª etapa da pesquisa, referente à revisão bibliográfica e sistematização de informações e experiências no Brasil e no mundo relacionadas, principalmente, aos conceitos e instrumentos de avaliação de espaços urbanos visando identificar o grau de urbanidade.

A revisão teórica e sistematização de informações e experiências no Brasil e no mundo relacionadas estão a:

- a) compreensão dos espaços de margens de corpos d'água – estes espaços apresentam relações dicotômicas envolvidas: por um lado o ecossistema próprio das suas margens desempenhando funções ambientais essenciais e por outro lado, a proximidade com a água estrutura e orienta a cidade ao longo da história. A pesquisa se pautará em ocupações urbanas em áreas sensíveis, com recorte em corpos d'água doce superficiais, tais como, rios, córregos, lagos, lagoas ou reservatórios.
- b) conceitos e instrumentos de avaliação de espaços urbanos visando identificar o grau de urbanidade– buscaremos entender a forma de capturar teórica e metodologicamente a urbanidade, por meio de pesquisas de diferentes autores e caminhos metodológicos usados por cada um. De acordo com Netto (2012), é a complexidade do objeto que pede lentes teóricas diversas buscando entender urbanidade por diferentes abordagens e teorias. A abordagem teórica parte do princípio de que a complexidade urbana deriva dos condicionalismos do espaço cuja ordem e expressão formal é adquirida em função de um processo social.

3 RELAÇÕES ENTRE AS MARGENS DE CORPOS D'ÁGUA, A MORFOLOGIA URBANA E A URBANIDADE

A base conceitual da pesquisa se estabelece a partir da definição estabelecida por Mello (2008), segundo a qual existem duas vertentes para ver e atuar em espaços urbanos de beira d'água: a) a valorização dos corpos d'água considerados no planejamento e incorporados à paisagem urbana e; b) a desvalorização dos corpos d'água desconsiderados e desaparecidos na paisagem.

Mello (2008) destaca que a desvalorização dos corpos d'água caracteriza a maior parte das áreas ribeirinhas e lacustres das cidades brasileiras e dois tipos de configuração espacial representam esta vertente: a) espaços em beira d'água privatizados, por meio de parcelamentos de baixa, média ou alta renda, nos quais os lotes chegam até a beira d'água e; b) remanescentes de área pública nos fundos de

lotes, que em geral acabam por virar espaços degradados, comumente invadidos por edificações precárias, que muitas vezes avançam sobre o leito, por meio de palafitas ou aterros.

Contemplando a temática de ocupação de margens de corpos d'água, Gorski (2010), em seu livro Rios e Cidades - ruptura e reconciliação, responde a três indagações: como reintegrar os rios às cidades? Qual a melhor forma de conciliar a natureza e urbano? E quais projetos, executados nos últimos 15 anos, servirão como referências futuras? Tardin (2008) desenvolve importante estudo avaliativo sobre sistema de espaços livres e projeto territorial formulando princípios para ordenação destes espaços, relacionados a temas como a designação dos usos do solo, a manutenção das continuidades espaciais e a conveniente sutura entre espaços livres e ocupados. À luz destes conceitos pretendem-se iniciar a pesquisa aqui proposta neste trabalho.

O desempenho da urbanidade será analisado na relação da ocupação nas margens de corpos d'água sendo caracterizado por Mello (2008) pela promoção do convívio social e a relação amigável da população com o corpo d'água.

A urbanidade construída com suas dimensões social e espacial e entendida por Reis (2011) como atributo do meio urbano de propiciar interações sociais intensas e diferenciadas, o desenvolvimento cultural e a preservação ambiental constituindo aspectos extremamente importantes das cidades. Rosaneli (2011) destaca que ao nível espacial, urbanidade é algo que o ambiente urbano nos fornece através dos principais elementos morfológicos.

Os elementos morfológicos serão estruturados em suas dimensões, entre abordagens normativas, cognitivas e sociais mostrando-se uma metodologia interessante e relevante, na perspectiva de responder às questões em torno da prática profissional em espaços urbanos. Para o entendimento destes elementos com propósito para análise, diagnóstico, prescrição e programação das margens de corpos d'água, alguns autores e estudos se mostram essenciais para esta pesquisa, conforme identifica Vaz (2013):

- a) Lameira 2011, Barbosa 2011, Miguel Bandeira 2001 aproximam a escala morfológica à escala local através de técnicas morfológicas-tipológicas;
- b) Para as pesquisas de percepção urbana Donald Appleyard Preiser e Henry Sanoff estudam ambiente e comportamento, se preocupando com a apropriação do espaço e como “as pessoas se distribuem, organizam-se nos edifícios e ambientes abertos” (Sommer, 2002);
- c) Lynch e Cullen são pioneiros e essenciais no desenvolvimento de metodologia de projeto com base na percepção ambiental. Del Rio (1999) destaca os estudos de Lynch para responder a ideais qualitativos, tais como legibilidade, orientabilidade e identidade e de Cullen para analisar as sensações visuais topológicas;
- d) Moudon et al (2006) e Talen (2003) estudam novas técnicas de investigação no espaço público dentro da morfologia urbana, como a densidade prática de um sistema sustentável de intervenção urbana (Stahle, 2008).

Pretende-se estudar a morfologia urbana como propósito para análise, diagnóstico, prescrição e programação dos espaços livres em margens de corpos d'água, bem como os atores e os processos de transformação que a moldam(Oliveira, 2013).

Compreendidos estes conceitos podemos definir algumas relações que podem ser estudadas em margens de corpos d'água definidas por Mello (2008), como por exemplo as relações dicotômicas que existem: zonas ripárias (ecossistemas próprios das áreas de margens dos corpos d'água desempenhando funções ambientais) versus proximidade da água orientando a estruturação da cidade ao longo da história, devido às múltiplas funções urbanas relacionadas à água.

Outro paradoxo destacado por Mello (2008) são as múltiplas funções urbanísticas versus as leis que impedem a ocupação formal das margens dos corpos d'água no Brasil, visando a preservação das suas funções ambientais e destacando que a ausência de critérios de uso e ocupação dessas áreas ambientalmente sensíveis acarreta sérios impactos ao meio ambiente.

Considerando os lugares como os ambientes que ganham significados através da ocupação ou apropriação do homem, deve-se destacar a particularidade de cada lugar. De acordo com Crichyno (1996), a paisagem revela um leque de diversidade nos padrões culturais e estéticos inerentes às expressões contidas no imaginário social que encontram significados em valores e apropriações distintas. Encontramos essa

diversidade no objeto de estudo e vamos buscar relacionar com a situação encontrada em cada subárea a ser analisada na Lagoa Santo Antônio dos Anjos, em Laguna.

4 A URBANIDADE E A CONSTRUÇÃO DE UM INSTRUMENTO PARA SUA AVALIAÇÃO

A urbanidade é algo tão complexo de se entender, mas ao mesmo tempo instigante que nos leva a alguns questionamentos: é uma qualidade dos espaços urbanos, das pessoas, ou da relação entre eles? Qual o papel da morfologia urbana para geração da urbanidade? Há condições espaciais que gerem uma urbanidade ou uma desurbanidade? É possível avaliar a urbanidade? Qual o melhor instrumento de avaliação?

A construção de uma sistemática de avaliação utilizando requisitos técnicos e de percepção, para a verificação do desempenho de urbanidade, pode constituir-se em um instrumento de tradução para os projetos urbanos de elementos que agreguem qualidade e valor às margens de corpos d'água, possibilitando maior apropriação da comunidade e o incremento de sua qualidade de vida beneficiando a permanência no espaço urbano qualificado.

Esta seção faz um levantamento de autores que estudam a urbanidade e os métodos e técnicas para sua verificação e levantamento. Eles serão aqui apresentados primeiramente por ordem cronológica da publicação de suas pesquisas mais significativas e, posteriormente, uma síntese dessas teorias organização pelos distintos caminhos metodológicos adotados.

4.1 Jane Jacobs (1961)

Jacobs não conceitua exatamente a urbanidade, mas aborda em seu livro “Morte e Vida das Grandes Cidades” elementos que são fundamentais para garantir a vitalidade urbana, a diversidade: mescla de usos e usuários, edificações de idades e estado de conservação variados, quadras curtas e necessidade de concentração.

- a) Mescla de usos e usuários – as diferentes funções devem “garantir a presença de pessoas que saiam de casa em horários diferentes e estejam nos lugares por motivos diferentes, mas sejam capazes de utilizar boa parte da infraestrutura” (Jacobs, 2000:167). Os usos principais devem funcionar como âncoras e atrair as pessoas a esses lugares específicos e a combinação de diferentes usos principais deve funcionar como uma complementaridade e não uma justaposição. Jacobs destaca que sem a mistura de usos, uma área fracassa na geração das relações sociais, culturais e econômicas.
- b) Necessidade de quadras curtas – as quadras curtas garantem uma escolha ampla de percursos e trajetos se cruzando e se entrelaçando em vez de serem isolados. Oferecem pontos viáveis para crescimento das atividades comerciais, através da distribuição e comodidade de sua localização, propiciando uma rede de usos combinados e complexos entre os usuários do bairro gerando diversidade.
- c) Combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados – a combinação de edifícios novos e antigos garante uma variedade de tipos de negócios com maior e menor poder de investimento. As empresas menores, necessárias para segurança e vitalidade dos bairros, conseguem melhor se instalar em prédios antigos. A diversidade depende dessa mistura de empresas com rendimentos altos, médios e baixos.
- d) Necessidade de concentração – a concentração de pessoas é um dos critérios principais para indicar que um lugar possui urbanidade. A atividade residencial precisa ser complementada com outros usos principais de modo que haja concentração de pessoas nas ruas em todas as horas do dia garantindo, também, a existência de infraestrutura nos lugares habitados. Para Jacobs, o objetivo é promover a vida urbana à população urbana, sob concentrações bastante densas e diversificadas.

Com a teoria de Jacobs fica bastante claro que o grau de urbanidade de uma cidade, de uma metrópole ou de um bairro depende do grau de vitalidade urbana ali presente. A vitalidade urbana é uma condição para que aconteça a urbanidade. Com relação ao método de pesquisa, Jacobs se utiliza das observações das pessoas e fatos que aconteceram em diversos bairros, especialmente onde ela morava – no Greenwich Village, em Nova York.

4.2 A humanização do espaço urbano de Jan Gehl (1971, 2001, 2006, 2010, 2013)

Gehl destaca em suas pesquisas que a qualidade urbana de uma cidade é medida pela quantidade e qualidade do espaço público para pedestres. Seus estudos apontam para uma otimização dos atrativos públicos e as atitudes para acolher uma vida social rica e segura que depende de três fatores: vida social, espaço público e edifícios – nesta ordem sequencial. Para Gehl (2006:21), “a presença de outras pessoas, de atividades e acontecimentos, de inspiração e estímulos, supõe uma das qualidades mais importantes dos espaços públicos”.

Como condições para planejamento das cidades, destaca a necessidade de conhecimento do ser humano, suas características, raio de alcance dos seus sentidos e velocidade de deslocamento e a adoção de estratégias de contato. Com relação à promoção ou impedimento das formas de contato, apresenta cinco maneiras: paredes x inexistência de paredes; longas distâncias x curtas distâncias; alta velocidade x baixa velocidade; múltiplos níveis x um nível e; orientação fundo-fundo x orientação frente-frente.

Gehl também apresenta quatro ações possíveis para se obter na relação dos espaços públicos com a vida pública: agregar x dispersar, especialmente pessoas e eventos; integrar x segregar várias atividades e grupos de pessoas funcionando juntos lado a lado; convidar x repelir os espaços públicos e; abrir x fechar sugerindo aumentar a interação visual entre as atividades que acontecem nos espaços públicos e privados.

Na sua publicação *New City Life* (2006), Gehl, Gemzoe et al apresentam 12 critérios de qualidade para o espaço público divididos em 3 categorias: proteção (contra tráfego e acidentes, contra crime e violência e contra experiências sensoriais desagradáveis); conforto (oportunidades para caminhar, para ficar em pé/permanecer e para sentar) e; prazer (escala, oportunidades para aproveitar os aspectos positivos do clima e experiência sensorial positiva).

Nas suas pesquisas utiliza técnicas de observação para levantamento de fluxo e atividades das pessoas identificando o tráfego de pedestres e as atividades estacionárias que ocorrem no seu entorno. Também utiliza, de maneira menos frequente, entrevistas.

4.3 Bill Hillier e a Sintaxe Espacial (1983, 1984, 1994, 1996)

Assim como a teoria de Jacobs, Hillier defende que a urbanidade está relacionada com a vitalidade dos espaços, entendida como a presença de maior ou menor número de pessoas em um espaço público. Os espaços sintaticamente mais integrados são mais carregados de urbanidade na escala global – tendem a ser aqueles com mais vitalidade.

Para este estudo, Hillier e seus colegas da Bartlett School of Graduate Studies, de Londres, propuseram a Teoria da Sintaxe Espacial visando compreender as relações entre a configuração espacial das cidades e edifícios e o modo como as pessoas permanecem ou se movem nos espaços.

Hillier et al (1983) no artigo *Space Syntax* descreve os elementos da urbanidade, envolvendo áreas de habitação social que aconteciam na Inglaterra no início dos anos 1980, presente em três condições:

- 1) A organização global do espaço atuando como um meio através do qual cidade e áreas urbanas podem tornar-se potentes mecanismos capazes de gerar, sustentar e controlar os padrões de movimento de pessoas. Destaca também que o modo como o espaço se posiciona com relação ao entorno é um determinante para se atingir a urbanidade.
- 2) A escala ou arranjo global do espaço é determinante no modo como o espaço é apropriado pelas pessoas, garantindo ou não a vitalidade dos espaços públicos. Para Hillier, a condição de quão público um espaço pode ser se expressa na intensidade da interface entre moradores, os habitantes do lugar e os visitantes.
- 3) A arquitetura, a escala local e o modo como o espaço público é constituído é o terceiro elemento que garante a urbanidade de uma área. Para Hillier, a organização convexa do espaço público e a interface deste com os edifícios pode afetar a relação entre moradores e seus vizinhos e entre habitantes e visitantes.

Hillier utiliza nas suas pesquisas para determinar a urbanidade de um local a Teoria da Sintaxe Espacial criada por ele e seus colegas na década de 1980. Esta teoria busca descrever as configurações dos traçados e as relações entre espaços públicos e privados, através de medidas quantitativas. Para Hillier, a sintaxe estuda as relações entre espaço artificial e sociedade, conteúdo social dos padrões espaciais e conteúdo espacial dos padrões sociais.

4.4 A Urbanidade e a Formalidade de Frederico de Holanda (1997, 2002, 2003, 2010, 2011, 2012)

O conceito de urbanidade, estabelecido por Holanda, pode ser utilizado de forma útil para a compreensão das possíveis implicações que tenham, face a face, a configuração dos lugares e do convívio das pessoas nele, implicando na sua configuração. Ele insere o conceito de urbanidade numa discussão mais ampla sobre taxonomia socioarquitetônica que implica compreender tipos de sociedade e tipos de arquitetura.

Para o autor, a urbanidade pode ser estar relacionada aos elementos-meio da arquitetura – os cheios e os volumes – ou aos elementos-fim – os espaços e os vazios. Destaca a variável formalidade versus urbanidade de atributos sociais e atributos arquitetônicos.

Holanda defende a possibilidade de medir a urbanidade mediante atributos quantificados e procedimentos de normalização, o resultado é conseguido através da urbanidade arquitetônica e as demais variáveis de configuração. Coloca a questão da urbanidade em qualquer tempo e lugar como uma qualidade objetiva de uma certa vertente socioarquitetônica (há outra vertente: a formalidade) que transcende tempo e espaço (2012).

Para Holanda, a urbanidade deve passar por três níveis de análise: padrões espaciais, vida espacial e vida social. Os aspectos analisados são de ordem visual (paisagem maior ou menor poderosa – aspecto simbólico - Lynch); obstáculos que se impõem ao movimento das pessoas (estrutura sintática – Hillier) e; clima local (função climática). Utiliza como método de pesquisa a Teoria da Sintaxe Espacial focada nos seus aspectos de copresença, na maneira como as pessoas se movem, param e encontram outras pessoas.

As categorias de análise do 1º nível analítico (padrões espaciais) são: mapa com entradas dos edifícios, desenhos que registram o movimento e barreiras ao movimento de pedestres, mapa de barreiras, mapa de convexidades e axialidade, percentual de espaços abertos sobre o total, % espaços abertos, número de entradas / espaços convexos, % espaços convexos cegos, perímetro de barreiras e integração.

No 2º nível analítico, da vida espacial, busca mapear a vida espacial / número e características das pessoas e aplicação de questionários; mapa de copresença de pessoas nos espaços (mapa de integração), índices de encontros (mapa de copresença), presença real nos lugares abertos, arranjos casuais x arranjos formais, predictibilidade, relação entre arranjos externos e internos.

No 3º nível analítico busca entender quais características sociais requerem uma ou outra forma de relação espacial. Identifica as situações de formalidade versus urbanidade e busca uma medida de urbanidade da área (URB) relacionada aos aspectos de copresença.

4.5 Rubén Pesci e a Cidade da Urbanidade (1999)

Para Pesci (1999), a urbanidade se trata da arte de saber viver a cidade. Para ele são necessários 5 (cinco) componentes para atingir um grau de qualidade nas cidades que são expostos a seguir:

- a) Uma cidade multifocal que trate da importância da descentralização e de que como numerosos centros ou focos de provável interação social podem recuperar a escala humana nas relações sociais e a convivência em núcleos ou focos onde as distâncias entre as atividades e sua diversidade garantam uma maior riqueza na experiência humana.
- b) Uma cidade de interfaces considerando a ecologia e o ponto de contato (ou interação) entre dois ou mais ecossistemas. A concentração ou intercâmbio pode ser física (natural e/ou construída) ou social. Pesci cita, como exemplo, o Rio Sena, em Paris, que produz uma interface natural e social positiva para a cidade. As situações das interfaces podem ser as dominantes naturais (costa, ilha, borda), as dominantes construídas (doca, ponte, porto) ou as dominantes sociais (clube, café, partido político, família). Os tipos de interfaces podem ser ativos ou sociais (efetivos) com função aglutinadora e; passivos ou físicos (latentes) com função separadora, como a borda ou limite de zonas degradadas ou não. O objetivo dessa componente para se atingir a urbanidade é conservar as interfaces naturais e a boa relação do homem x natureza.
- c) Uma cidade com espaços abertos prevendo uma estrutura configuracional urbana e sua qualidade espacial. Pesci destaca que os espaços abertos são essenciais para a urbanidade e sua apropriação social e, nestes espaços, deve se dar apoio a uma maior liberdade e um maior valor de uso possível.

- d) Uma cidade com participação popular destacando a importância de se conhecer a urbanidade que cada um necessita em cada cidade, em cada microcultura, em cada localidade, interface e espaço público. A participação é uma das chaves para a reconquista da cidade da urbanidade e pode acontecer de forma direta, indireta e experimental (simulação de ambientes).
- e) Uma cidade dos fluxos e da sustentabilidade prevendo uma urbanidade multisetorial, integral, holística e renovável, adotando os princípios anteriormente citados: multifocalidade, interfaces, espaços abertos e participação. A multifocalidade encurta distâncias, protege identidades e propicia microculturas; as interfaces corrigem danos aos recursos naturais; os espaços abertos melhoram o uso dos recursos do solo, água, ar, flora, fauna e garante a sustentabilidade social; a participação define a consciência social e o bom manejo dos recursos, a sustentabilidade cultural.

Pesci utiliza métodos e técnicas provenientes das pesquisas de Edward Hall sobre antropologia do espaço e Roger Baker como ferramenta de comportamento, além de técnicas de participação popular e da sua própria experiência prática.

4.6 Lineu Castello e a Percepção do Lugar (2004, 2005, 2007)

Castello (2007) cita que podemos projetar um lugar da urbanidade que se abram à percepção humana e sejam carregados de urbanidade. Para Castello, a urbanidade é uma qualidade típica e única do ambiente construído, vinculada às experiências conferidas às pessoas pelo uso que fazem do ambiente. A urbanidade passa pela sensação de pluralidade.

Os estímulos projetados buscam reforçar a imagem da urbanidade que um lugar deve conter e poder transmitir às pessoas, seja de forma visual, sensorial ou informacional. Afirma que a urbanidade é o potencial que o espaço tem para trocas sociais, com oportunidades que oferece para experiências, pluriculturais, intercâmbio da informação, interações sociais. Em um trabalho apresentado sobre Porto Alegre destaca os seguintes fatores: o poder estruturador (ponto focal), significado histórico (história), grau de atração de atividades urbanas (centralidade), grau de evocabilidade do rio e acessibilidade física ao rio. Lugares de memória, lugares da aura e lugares da pluralidade são as palavras-chave para se atingir a urbanidade de Lineu Castello.

Como metodologia adota os métodos e técnicas da percepção ambiental (relações pessoa-ambiente) e da fenomenologia (exploração e descrição de fenômenos – coisas ou experiências). Dos estudos de topofilia de Yu-Fu Tuan busca entender o elo afetivo entre as pessoas e os lugares, através da observação e descrição de experiências cotidianas. Da psicologia comportamental traça cenários de comportamento que atribuem ao ambiente um importante papel na determinação do comportamento individual. Com a abordagem fenomenológica busca a percepção do ambiente urbano – quais estímulos ambientais que impressionam as pessoas a ponto de fazer-lhes sentir a experiência da urbanidade.

Utilizou em uma das suas pesquisas a metodologia do Programa MAB (Man and the Biosphere) que se estrutura da seguinte forma:

- a) Análise estrutural – natureza morfológica e funcional (Bacon, Lynch, Rossi) – estrutura urbana física e toda equipagem necessária para seu funcionamento. Averiguar os níveis do tecido urbano (escala cotidiana, urbana ou metropolitana).
- b) Análise perceptual – mapas mentais.
- c) Análise experiencial – análise da natureza comportamental, técnicas de percepção (cenário estruturado, questionários abertos e participação comunitária).
Classificação dos elementos detectados agrupados em função de critérios de referência – poder estrutural do elemento, significado histórico, grau de atração, grau de evocabilidade ao rio, acessibilidade física, domínio público ou privado.

4.7 Paulo Rheingantz (2010, 2011, 2012)

Para Rheingantz, o sentido de urbanidade contém (mas não se limita) à materialidade do ambiente urbano e não deve ser entendido como uma moldagem concebida exclusivamente pelas pessoas. O reconhecimento dos opostos Urbanidade-Desurbanidade coexiste, reúne e cultiva diversas narrativas menores “tecidas por um fio múltiplo mas comum” (2012).

De acordo com suas considerações devemos considerar a possibilidade da urbanidade ser entendida como uma experiência que não tem sua origem nas pessoas nem no ambiente construído, mas que se produz na relação entre ambos, nas relações e interações entre humanos e objetos/espço físico.

Suas pesquisas se baseiam na Teoria Ator-Rede (ANT) ou Sociologia da Tradução (Latour, Callon, Law) onde pretende demonstrar que o sentido de Urbanidade-Desurbanidade é o resultado do fluxo contínuo de relações que ocorrem em um coletivo configurado por um conjunto de atuantes humanos e não humanos. Tem como finalidade destacar a importância da arquitetura e da qualidade do lugar como atores no entendimento de Urbanidade-Desurbanidade motivando a atenção para o seu caráter de rede e, por consequência, o interesse em seguir os diferentes atores que participam de sua tessitura.

A ANT considera que atores humanos e não humanos estão interligados em um coletivo ou rede de elementos materiais e imateriais. Os atores humanos e não humanos assumem identificações de acordo com a sua estratégia de interação e suas qualidades são definidas por meio de processos de negociação nos quais são tratados como variáveis. Na perspectiva da ANT, Urbanidade-Desurbanidade é “uma relação ou experiência vivenciada no lugar e pode ser entendida como uma grande narrativa a ser descrita em sua dinâmica complexidade desde sua base; como um conjunto heterogêneo, dinâmico e indissociável de relações entre humanos (sociedade) e não humanos (natureza)” (2012).

4.8 Romulo Krafta (2010, 2012)

Krafta (2012) inclui o ambiente urbano como parte integrante e influente nas relações entre pessoas, como expressão autônoma de urbanidade e apresenta algumas considerações que consideramos relevantes para o entendimento deste fenômeno:

- 1) A urbanidade é uma qualidade de interação entre pessoas no ambiente urbano e pode incluir a cidade como parte relevante dessa interação considerando, dessa forma, o universo da forma urbana e do comportamento social urbano;
- 2) Para considerar a cidade como parte integrante da urbanidade deve-se pensar como resultante de uma interação entre indivíduos através do tempo;
- 3) Há várias possíveis formas de aferir urbanidade: através dos graus de intensidade, graus de pertencimento e padrão dominante;
- 4) Existem três situações na relação da forma e espaço urbanos e urbanidade: a) a influência da forma urbana na interação entre indivíduos; b) a interação entre indivíduos isolados e os lugares, na presença e testemunho direto ou indireto de outros indivíduos e; c) a forma urbana tomada como manifestação de um comportamento social, petrificado;
- 5) Diferentes tipos de urbanidade podem ser observados quando novo objeto se insere segundo as mesmas regras obedecidas pelos outros, pré-existent, do seu contexto; quando cada novo objeto preserva o domínio espacial dos seus predecessores, constituindo então uma diferenciação por justaposição e contribuindo para manter um contexto de pequenas unidades mediadas por separações e; quando cada novo objeto intercepta e transforma o domínio espacial de um ou mais predecessores, contribuindo para transformar o conjunto em que se insere mediante a mistura de pequenas unidades em um conjunto maior;
- 6) A urbanidade da forma não tem nada a ver com agradabilidade ou animação dos lugares e sim com capacidade de mudança.

Para verificar a urbanidade, Krafta considera que deve haver algum tipo de monitoramento e registro de interações podendo ser identificadas apenas pela presença de pessoas ou das condições dos lugares, mas que deixaria de lado eventuais manifestações de urbanidade encorajadas tanto por situações ambientais favoráveis como desfavoráveis, introduzindo uma impossibilidade lógica de associar características espaciais e comportamentos sociais.

As conclusões de Krafta foram obtidas por deduções, sem envolver, nenhuma observação empírica, isolada, se valendo de operações simulatórias realizadas fora do escopo deste trabalho para lhe oferecer alguma evidência.

4.9 Douglas Aguiar (2010, 2011, 2012)

Para Aguiar, o conceito de urbanidade se refere ao modo como espaços da cidade acolhem as pessoas estabelecendo um parâmetro maior e abrangente na avaliação da qualidade dos lugares. Espaços com urbanidade são espaços hospitalares (2012).

Para o autor, a urbanidade é composta por algo que vem da cidade, da rua, do edifício e que é apropriado, em maior ou menor grau, pelo corpo, individual e coletivo. A urbanidade é por definição uma qualidade da forma ou das formas; trata-se de algo essencialmente material, ainda que repercuta diretamente no comportamento e no bem-estar das pessoas no espaço público. Ainda, refere-se à urbanidade inerente às diferentes escalas do espaço público.

Assim como Hillier e Holanda, utiliza a Teoria da Sintaxe Espacial para a aferição da urbanidade determinando o arranjo espacial e o modo como os espaços da cidade se estruturam, se articulam, constituindo a forma espacial urbana, a qual abriga aquilo que conhecemos como espaço público. Aguiar sugere que a dimensão sintática tenha papel preponderante do grau de urbanidade existente nos diferentes espaços da cidade e, na mão contrária, no grau de segregação espacial – ou desurbanidade ou ainda baixa urbanidade (2012:73).

Considerando a sintaxe como conectividade e articulação espacial, a urbanidade seria a função direta do arranjo espacial dos lugares. Assim, toda ação humana no território ocorreria mediante um arranjo espacial que tem uma dimensão sintática através da qual as pessoas se deslocam. Esse deslocamento acontece tendo por base a condição da axialidade, essência da sintaxe espacial (2012).

Para Aguiar, a vitalidade de uma determinada situação urbana pode ser aferida através da copresença de pessoas no espaço público – aquilo que Hillier (1983) denomina comunidade virtual. Mesmo que vitalidade e urbanidade sejam conceitualmente distintos, considera a presença de pessoas no espaço público como um primeiro indício da condição de urbanidade.

Contradizendo outros pesquisadores, Aguiar afirma que “a urbanidade, essa condição, essa característica é própria da cidade, da forma e não das pessoas” (2012:76). A condição de urbanidade estará no modo como a cidade acolhe as pessoas, recebe as pessoas, o corpo.

4.10 Classificando os pesquisadores da Urbanidade

Para contribuir na elucidação da temática, apresentamos, na tabela 01, uma síntese dos conceitos e caminhos de pesquisas dos pesquisadores da urbanidade apresentados anteriormente. Os autores foram classificados em 3 (três) grupos: 1) pesquisadores que entendem a urbanidade com uma qualidade do espaço urbano e como uma crítica principalmente ao urbanismo moderno; 2) pesquisadores que conceituam a urbanidade como algo relacionado à configuração espacial e utilizam como método a Sintaxe Espacial; 3) pesquisadores que entendem a urbanidade mais como algo relacionado às pessoas e o modo como apropriam os espaços urbanos, utilizam diversos métodos, especialmente relacionados à percepção dos usuários.

GRUPO 1		
Jane Jacobs	Jan Gehl	Rubens Pesci
<p>Conceito: caracteriza alguns elementos necessários para a diversidade das cidades: a vitalidade, a vida nas ruas, as pessoas e suas relações com a arquitetura interagindo no espaço público. Também recomenda quadras curtas e a irrigação das cidades com espaços públicos. Mesmo não conceituando urbanidade, Jacobs identifica o que seriam os componentes necessários para que a urbanidade exista.</p>	<p>Conceito: defende o quanto cuidar das pessoas na cidade é fator essencial para obtenção de “cidades mais vivas, mais seguras, sustentáveis e saudáveis” (2013). Gehl considera nas suas teorias elementos essenciais para a urbanidade: a dimensão humana; os sentidos e a escala; a cidade viva, segura e saudável, ao nível dos olhos e; a ordem vida-espaços-edifícios.</p>	<p>Conceito: Para Pesci, a cidade da urbanidade deve apresentar alguns princípios: a) multifocalidade, pois provoca a descentralização e a desconcentração; b) sistema de interfaces que estabeleça equilíbrio entre dois ou mais ecossistemas; c) os espaços abertos em contraposição aos espaços fechados; d) a participação social e; e) os fluxos e a sustentabilidade.</p>
<p>Caminhos de pesquisa: observações das cidades.</p>	<p>Caminhos de pesquisa: observações e análise da</p>	<p>Caminhos de pesquisa: observações e análise da</p>

	apropriação dos espaços urbanos.	apropriação dos espaços urbanos.
GRUPO 2		
Bill Hillier	Frederico Holanda	Douglas Aguiar
<p>Conceito: pontua que a condição da urbanidade está presente na organização do espaço que atua como um meio através do qual cidade e áreas urbanas podem tornar-se potentes mecanismos capazes de gerar, sustentar e controlar os padrões de movimentos das pessoas; o modo como o espaço se posiciona com relação ao entorno; a organização do espaço público e; a interface deste com os edifícios.</p>	<p>Conceito: considera urbanidade como condição “simultânea ao espaço físico e a comportamentos humanos” (2012) e esse conceito terá que ser utilizado de forma útil para a compreensão das possíveis implicações que tenha relação com a configuração dos lugares e do convívio das pessoas nele. Holanda incorpora elementos já propostos por Hillier, porém acrescenta um outro elemento: urbanidade x formalidade.</p>	<p>Conceito: trabalha com o conceito de urbanidade como caráter do urbano, caracterizando espaços hospitaleiros como sendo o “conjunto de qualidades, boas ou más, que constituem as cidades” (2012). O modo como os espaços da cidade acolhem as pessoas.</p>
<p>Caminhos de pesquisa: Sintaxe Espacial. A sintaxe espacial visa compreender as relações entre a configuração de cidades e edifícios e o modo com as pessoas permanecem ou se movem nos espaços.</p>	<p>Caminhos de pesquisa: Sintaxe Espacial e Dimensões Morfológicas do Espaço Urbano.</p>	<p>Caminhos de pesquisa: Sintaxe Espacial</p>
GRUPO 3		
Lineu Castelo	Romulo Krafta	Paulo Afonso Rheingantz
<p>Conceito: conceitua urbanidade como uma “qualidade típica e única do ambiente construído (...), uma qualificação vinculada à dinâmica das experiências existenciais, conferidas ao uso que fazem do ambiente urbano, através da capacidade de intercâmbio e de comunicação que está imbuído neste ambiente”. Considera urbanidade como algo essencialmente da forma urbana sem desconsiderar as pessoas.</p>	<p>Conceito: se apropria do significado do dicionário Aurélio para conceituar urbanidade: “significa qualidades relacionadas à cortesia, ao afável e à negociação continuada entre os interesses: basicamente relativo um modo de vida urbano, a um comportamento social na cidade”. Destaca que a Sintaxe Espacial só pode ser usada se o problema da urbanidade for tomado com algo da razão e não da emoção.</p>	<p>Conceito: afirma que o sentido da urbanidade contém (mas não se limita) à materialidade do ambiente urbano e não deve ser entendido como uma moldagem concebida exclusivamente pelos humanos. Aponta a necessidade de reconhecer o par Urbanidade-Desurbanidade.</p>
<p>Caminhos de pesquisa: percepção do ambiente urbano apreendendo o modo como a população percebe o ambiente, ajudando a identificar os estímulos ambientais que mais impressionam as pessoas, a ponto de lhes fazer sentir a experiência de urbanidade.</p>	<p>Caminhos de pesquisa: Sugere Teoria da Morfogênese de Conzen e Inter-representation Networks (IRN) de Haken e Portugali. Para estudo morfológico sugere Camillo Sitte, movimento City Beautiful, Christopher Alexander, Cullen e Lynch.</p>	<p>Caminhos de pesquisa: Teoria Ator-Rede (ANT) de Bruno Latour. A ANT considera que atores humanos e não humanos estão interligados em um coletivo ou rede de elementos materiais e imateriais.</p>

Tabela 01: Síntese dos principais conceitos e caminhos de pesquisas da urbanidade
(Elaboração própria)

4.11 Conclusões para a construção do instrumento de avaliação da urbanidade

Conforme visto, podemos abordar o tema através de diferentes perspectivas, autores, disciplinas e correntes de pensamento, cada uma das teorias tem uma visão muito particular da urbanidade, entretanto percebe-se uma inconsistência, especialmente metodológica, para estudo da urbanidade que incorpore um maior número de variáveis determinando um modelo que melhor defina essa complexidade da urbanidade e as maneiras de como atingi-la.

Entendemos que urbanidade deve ser uma espécie de qualidade superior do urbano reunindo as suas melhores qualidades sendo indissociável da apropriação das pessoas. E essa urbanidade só pode ser atingida quando está associada às emoções humanas, por esta razão a construção do instrumento de avaliação do grau de urbanidade das margens de corpos d'água deve abranger diferentes caminhos de pesquisa.

A construção do instrumento de avaliação irá facilitar uma sistemática possível de análise dos espaços em margens de corpos d'água de forma a verificar a existência e o grau de contemplação dos atributos de urbanidade devendo adotar diferentes caminhos de pesquisa envolvendo os 3 (três) grupos apresentados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação desta investigação surgiu para refletir sobre como os tecidos urbanos afetam os níveis de qualidade naqueles lugares que acolhem a vida comunitária de seus habitantes como um suporte a uma maior sustentabilidade das cidades. A pesquisa faz parte do projeto de tese que está sendo desenvolvido no programa de doutorado do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e tem como objetivo encontrar o equilíbrio e os elementos formais que busquem uma interação harmônica entre as pessoas e o corpo d'água.

Entendemos que urbanidade deve ser uma espécie de qualidade superior do urbano reunindo as suas melhores qualidades sendo indissociável da apropriação das pessoas. E essa urbanidade só pode ser atingida quando está associada às emoções humanas, por esta razão a construção do instrumento de avaliação do grau de urbanidade das margens de corpos d'água deve abranger diferentes caminhos de pesquisa.

A tentativa de estabelecer esta análise será um desafio, em consequência das desigualdades entre estudos de abordagem morfológica, método escolhido, e pela escassez de sistemáticas pesquisas sobre o objeto de estudo pretendido nesta pesquisa, a urbanidade nas margens de corpos d'água urbanos, especialmente lagoas. O debate acerca da construção de parâmetros é uma condição essencial para que investigações e futuras intervenções em margens de corpos d'água urbanos se deem de modo mais coordenado.

A identificação do repertório sobre necessidades físicas e psicológicas atendidas nos espaços das margens de corpos d'água urbano desempenhadas no âmbito da busca da urbanidade, define seu nível de relevância para os usuários das margens de corpos d'água urbanas. A metodologia proposta pretende avaliar o atendimento de necessidades físicas e psicológicas e, sobretudo, valores desejados e esperados nos atributos de urbanidade como instrumento de facilitação ao processo de projetar.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, D. (2012). *Urbanidade e a qualidade da cidade*. In D. AGUIAR, V. M. NETTO (orgs.), *Urbanidades* (61-79). Rio de Janeiro: Folio Digital.

CASTELO, L. (2007). *A Percepção de Lugar*. Porto Alegre: Editora Propar.

CRICHYNO, J. (1996). Uso potencial da vegetação de restinga (Maricá-RJ): critério para seleção de espécies em projetos de paisagismo. II Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, São Paulo.

DEL RIO, V. (1999). *Cidade da mente, cidade real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do RJ*. In V. DEL RIO e O. OLIVEIRA (orgs.), *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel.

- GEHL, J. (2006). *La humanización del espacio urbano: la vida social entre los edificios*. Barcelona: Editorial Reverte.
- GEHL, J. (2013). *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva.
- GORSKI, M. C. B. (2010). *Rios e cidades: ruptura e reconciliação*. São Paulo: Editora Senac.
- HEITOR, T. V. (2001). *A vulnerabilidade do espaço em Chelas: uma abordagem sintática*. Porto: Ministério da Ciência e da Tecnologia - Fundação Calouste Gulbenkian.
- HILLIER, B. et al (1983). *Space Syntax: a different urban perspective*. London: Architecture Journal.
- HILLIER, B., HANSON, J. (1984). *The social Logic of Space*. Cambridge: University Press.
- HOLANDA, F. (2002). *O espaço de exceção*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- HOLANDA, F. (2007). *A praga do infinito e a ressurreição do lugar*. In C. R. DUARTE et al, O lugar do projeto no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo (241-254). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- HOLANDA, F. (2012). *Urbanidade: arquitetônica e social*. In D. AGUIAR, V. M. NETTO (orgs.), Urbanidades (163-187). Rio de Janeiro: Folio Digital.
- JACOBS, J. (2000). *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes.
- KRAFTA, R. (2012). *Impressões digitais da urbanidade*. In D. AGUIAR, V. M. NETTO (orgs.), Urbanidades (115-133). Rio de Janeiro: Folio Digital.
- LEITÃO, L. (2002). *As praças que a gente quer: manual de procedimentos para intervenção em praças*. Recife: Secretaria de planejamento.
- MELLO, S. S. (2008). *Na beira do rio tem uma cidade: urbanidade e valorização dos corpos d'água* (Tese de Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília.
- NETTO, V. M. (2012). *A urbanidade como dever do urbano*. In D. AGUIAR, V. M. NETTO (orgs.), Urbanidades (33-59). Rio de Janeiro: Folio Digital.
- OKAMOTO, J. (2002). *Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação*. São Paulo: Editora Mackenzie.
- OLIVEIRA, V. (2013). *Revista de Morfologia Urbana*. Lisboa: Rede Portuguesa de Morfologia Urbana.
- PESCI, R. (1999). *La ciudad de la urbanidad*. Buenos Aires: Fundacion CEPA.
- REIS, A. F. (2011). *Crescimento urbano-turístico, meio ambiente e urbanidade no litoral catarinense*. In A. F. REIS (org.) Arquitetura, Urbanidade e Meio Ambiente. Florianópolis: Editora da UFSC.
- RHEINGANTZ, P. (2012). *Narrativas ou traduções da urbanidade*. In D. AGUIAR, V. M. NETTO (orgs.), Urbanidades (135-161). Rio de Janeiro: Folio Digital.
- ROSANELI, A. F. (2011). *A morfologia urbana como abordagem metodológica para o estudo da forma e da paisagem de assentamentos urbanos*. VI Colóquio Quapá-Sel, Maranhão.
- SERPA, A. (2007). *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto.
- SOMMER, R. (2002). *O desenvolvimento e a aplicação dos conceitos de espaço pessoal*. In V. DEL RIO, Projeto do Lugar: colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- STAHL, A. (2008). *Compact Sprawl: Exploring public open space and contradictions in urban density*. Stockholm: School of architecture and the Built Environment (ABE).

TARDIN, R. (2008). *Espaços livres: sistema e projeto territorial*. Rio de Janeiro: 7Letras.

VAZ, S. M. L. P. (2013). *Morfologia urbana e espaço público: abordagens comparativas no contexto europeu* (Dissertação de Mestrado). Porto: Universidade do Porto.